BIOGRAFIA

Armanda Passos nasceu no Peso da Régua, em 1944.
Licenciou-se em Artes Plásticas pela Escola Superior de Belas-Artes do Porto.
Foi monitora de Gravura na ESBAP (1977-79).
Premiada pelo Ministério da Cultura na Exposição "Homenagem dos artistas portugueses a Almada Negreiros", em 1984.
Representou Portugal em vários certames internacionais, por exemplo em Heidelberg, na *V Biennal of European Graphic Art (1988)*; na Polónia, na *Exposition Internationale de la Gravure - "Intergrafia 91"*, no *Pawilon Wystawowy Bwa, Katowice*; no *Centre de la Gravure et de l'Image Imprimée, La Louvière*, na Bélgica, em 1992.
Expõe desde 1976. Vive e trabalha no Porto. Tem participado em inúmeras exposições nacionais e internacionais e vários dos seus trabalhos integram coleções de prestigiadas instituições públicas como a Fundação Calouste Gulbenkian, a Fundação Oriente, a Fundação de Serralves, a Fundação Champalimaud, a Fundação Casa de Mateus, o Ministério da Cultura, o Museu da FBAUP ou a Reitoria da U.Porto e relevantes coleções privadas.
Intensa e complexa, a sua obra tem suscitado reflexões e textos produzidos não apenas por críticos da especialidade, mas também por escritores de várias sensibilidades, artistas e até historiadores. Entre os muitos intelectuais que se debruçaram sobre o seu trabalho podem citar-se Fernando Pernes, Mário Cláudio, José Saramago, Vasco Graça Moura, Urbano Tavares Rodrigues, Eduardo Prado Coelho, António Alçada Baptista, David Mourão-Ferreira, Armando Silva Carvalho, José-Augusto Seabra, Lídia Jorge, Luis de Moura Sobral, Raquel Henriques da Silva e José Augusto-França.
No ano do seu Centenário a Universidade do Porto distingue a sua Obra e dedica-lhe duas exposições individuais, na Casa Andresen/Jardim Botânico e na Reitoria.
Nas Comemorações dos 50 anos do Palácio da Justiça, o Tribunal da Relação do Porto distingue Armanda Passos a ficar representada no Átrio da Sala de Audiências.
Nas Comemorações do Dia de Portugal de 2012, Armanda Passos foi distinguida pelo Presidente da República com a Comenda da Ordem de Mérito.

Mulher-Douro

P.A II/IX

SERIGRAFIA 87-AP-DATA 1987 - ARMANDA PASSOS

Organização
Museu do Douro

Coordenação Geral
Fernando Seara
Natália Fauvrelle

Coordenação Executiva
Natália Fauvrelle
Susana Marques

Design
Atelier João Borges

Serviço Educativo
Marisa Adegas,
Samuel Guimarães (Coord.),
Sara Monteiro,
Susana Rosa

Museu do Douro
Rua Marquês de Pombal, s/n
5050 - 282 Peso da Régua

Telefone: +351.254.310.190
Fax: +351.254.310.199
GSM: +351 919.851.959

E-mail: geral@museudodouro.pt
www.museudodouro.pt

Museu do Douro

ARMANDA PASSOS

obra gráfica

Mulher-Mocho

Armanda Passos - obra gráfica

O universo simbólico particular de Armanda Passos exige ao observador uma redefinição, inevitavelmente perturbadora, de intimidade. Recusando os encadeamentos de uma lógica comum, as imagens veem o observador reconhecer-se em imprevistas codificações. O alargamento do campo percetivo pulveriza convicções, desmantela normas e multiplica as possibilidades de interpretação e compreensão de si mesmo.

A recuperação da figuração, opção de Armanda Passos no início do seu percurso artístico, parece ter-se constituído, então, como invenção de possibilidades de análise e registos da sua inconformidade com modelos da organização social comumente adotados, com uma cosmogonia e uma moral timidamente questionadas, fazendo reconhecer, nos aspetos formais e ideológicos patentes no seu trabalho, um vínculo de crítica e transgressão.

Considerando a produção gráfica desde a segunda metade da década de setenta, identificam-se permanências e é sobre elas que esta breve reflexão se detém. Se os mecanismos visuais diferem quando trabalha a gravura em metal ou quando a técnica escolhida é a serigrafia, a relação da figuração com o fundo problematiza, em ambos os casos, a leitura imediata de um corpo definido num espaço tridimensional - quer ao nível da representação quer ao nível do que ela, na sua condição material, evoca. Na calcografia, a ação do ácido sobre a chapa de metal permite gradações de tons e modelação de volumes. Através de variações delicadas de tonalidades de cinzentos, Armanda Passos perspetiva figuras num espaço negro que as isola, as aprisiona na sua densidade, configurando uma anti-narrativa. Em serigrafia, particulariza-se a intensidade da superfície. Armanda Passos torna-a um ecrã de uma possível lâmina de realidade. Nesta tecnologia encontrou um campo de expressão (acrescido de

potencialidades em relação à calcografia e à pintura a óleo) em que o próprio processo de trabalho incorpora o entendimento de uma estrutura planar da realidade. O médium participa na investigação da construção do real e documenta material e simbolicamente a *justaposição de camadas*, corporizando, também, o conceito de níveis de perceção. Armanda Passos acentua o efeito visual de planos que parecem abrir entradas para outros planos, nunca se confundindo. Deste modo, se evidencia a individualização de registos diversos de compreensão. As recorrentes fraturas da lógica esperada e as cronologias sobrepostas associam-se aos *estratos-máscaras* e libertam o espaço da arquitetura do tempo.

Conjugam-se os efeitos plásticos com os vários tecidos de discurso que a composição sugere - que incluem alternativas à organização e relacionamento comuns entre os seres e as coisas - justapondo-se segundo um itinerário de sentido original inacessível mas aberto a permanente

Mulher-Abraço

Mulher-Tucano

recriação. Inesperados vetores de conflito são incorporados na relação dos valores formais. As gradações de tonalidade em contraste com a cor plana; as linhas-limite e os grafismos que expandem a figura; os efeitos visuais de texturas e pulverizações; a justaposição de padrões; a utilização de escalas e proporções diversas - compõem uma simbologia particular. A subversão e a transgressão atravessam os pontos de serenidade plástica, através das suspensões das sequências habituais de leitura, induzidas pelos elementos visuais em irónicas concentrações. Figuras femininas que contêm o mundo, seres híbridos não conformados com qualquer ordem-desordem-ordem desmantelam soluções e respostas e deslocam para o universo do observador oportunidades de indagação/interpretação que escapam a regras e convenções.

Maria Leonor Barbosa Soares

Mulher-Bizâncio

Douro da minha infância

À noite, a minha avó, leva-me ao colo pelo caminho principal da quinta para fechar o portão e diz-me: Não olhes para trás que vês o Diabo.

Escondo-me ao pescoço. As sombras das árvores fazem-me figuras, fecho os olhos, espreito quando se movem na aragem. Tenho medo, ela não. Mas também não lhe digo. Continuo ao colo e continuo a ter cinco anos.

Maria Emília de Queiroz Marinho Bernardo, avó alta e magra de pernas secas, tinha na voz o comando de quem vivia a dar ordens e a organizar a vida, sozinha. Viúva e filha mais velha de 6 irmãos. Nasceu, viveu e casou na quinta da Vacaria. O verão da minha infância foi passado no Douro, com a avó, numa quinta onde nasci e que há muito foi cortada por uma estrada, no meio de trovoadas sufocantes, mais as histórias sem fim que pairam reais no meu imaginário infantil. Desde a capela com os santos milagrosos, os frades enterrados nela, até ao corredor de glicínias que perfumava todo o jardim, onde o rio Corgo circundava a terra e deixava ilhas para os piqueniques. Lembro-me dos lagares, do calor das uvas quando colhidas, do cheiro do vinho quando fermentado, do frio das adegas quando cerradas, do terror das sardoniscas quando passeavam o tecto caiado ao dormir a sesta. Lembro-me, do comboio de cortinas que fechava para não ver o escuro dos túneis, do abismo do rio, terra acima em direcção a um lugar mágico mas difuso, com olhos de não voltar, do calor desses verões, dos insectos que bailavam junto às videiras, do revisor que cumprimentava a avó, do comboio que esperava por ela, do cheiro do carvão, do vapor nos meus olhos, das viagens infinitas e das nuvens a ameaçarem sempre trovoada.

Do Douro aprendi, desde pequena, a olhar para dois sítios: para o rio e para o céu.

Armanda Passos